



Sugestões para

LITURGIA DOMINICAL

12 DE FEVEREIRO DE 2017 | 6º DOMINGO DO TEMPO COMUM - ANO A

Jesus: a nova e verdadeira justiça

Textos Bíblico-litúrgicos: Eclo 15,16-21 // Sl 118 // 1Cor 2,6-10 // Mt 5,17-37.

Antífona de Entrada: “Sede o rochedo que me abriga, a casa bem defendida que me salva [...]”.

Oração do dia: Que possamos viver de tal modo que Deus habite em nós.

Oração sobre as oferendas: Que o sacrifício nos purifique e renove.

Antífona da comunhão: “Eles comeram e beberam à vontade; o Senhor satisfizera os seus desejos”.

Oração depois da comunhão: O Deus que nos fez provar as alegrias do céu, faça-nos desejar o alimento que traz a verdadeira vida.

1. A Lei, Torá para os judeus, pode ser traduzida como ensinamento. Ela é obra da sabedoria divina, perfeita (cf. Sl 18,8-9). Em Moisés a Lei é vista como dádiva divina que todos devem seguir (cf. Dt 8,11). Cumpra-la era sinal de piedade. Mas alguns judeus levaram o cumprimento da lei ao “legalismo”, limitando-se a cumprir, com extremo zelo, a sua prescrição. Com isso, julgavam-se justos diante de Deus e dos homens, tornavam-se orgulhosos de seu legalismo, de seu conhecimento das escrituras, apoderando-se da Lei e interpretando-a segundo os seus interesses. Os livros da Lei e dos Profetas eram leituras obrigatórias nas celebrações judaicas. E Jesus assume que veio cumpri-las (Mt 5,17) em sua mensagem profunda, no espírito do ensinamento. Mas Ele conhecia o modo como seus contemporâneos usavam a Lei como instrumento de poder, discriminação e preconceito. Inúmeras vezes condena o comportamento desses legalistas, orgulhosos, que se julgavam donos da Lei, como “mestres da lei e fariseus” (Mt 5,20). Ele não se limita à Lei. Mas não nega a sabedoria da Lei e dos escritos proféticos. Não se coloca contra a Lei (Mt 5,17), mas posiciona-se de modo a libertá-la das interpretações legalistas. Para isso destaca o espírito da Lei (Mt 5, 22.28.29). Ele quer despertar aqueles que o escutam. Quer mostrar-lhes algo novo: “Ouvistes o que vos foi dito. Eu porém vos digo...” (Mt 5,21-22).

2. Jesus traz a novidade. Mas com que autoridade traz essa ousada novidade, que soou como escândalo para muitos de seus contemporâneos? Por conhecer a vontade do Pai, de que não bastava cumprir a Lei de uma forma legalista, ele se coloca como aquele que veio trazer a libertação das amarras do legalismo, das manipulações interesseiras daqueles que se julgavam “mestres da Lei e fariseus” (Mt 5,20). Jesus liberta a Lei das manipulações, destacando-lhe a prática do verdadeiro espírito e sentido (5,19). Aí, sim, em Jesus, a Lei adquire o verdadeiro sentido, a verdadeira justiça. Nova lei, mais exigente. Para Jesus não basta cumprir as prescrições da lei de Moisés, é preciso, antes, acolher o projeto de amor, solidariedade e justiça do Reino de Deus. Ele exige muito mais: que o nosso coração não se encha de ódio contra o irmão, não deseje as coisas do próximo. Que nosso olhar se livre de ganâncias (Mt 5,29), nossas mãos – que representam nossas ações – não sejam fontes de pecados (Mt 5,30), de injustiças. Que não matemos com nossa língua (5,22). O Reino pede mais do que a Lei de Moisés. O que é esse mais, que o Reino nos pede? Coração convertido, liberto de tudo que pode nos conduzir ao mal, e nos afastar de Deus. É preciso fazer o bem, ter o bem dentro do coração (5,28). Jesus não pede apenas que não façamos o mal, mas que não abriguemos sentimentos que são a fonte do mal: o ódio que mata; a língua que mata, difama, discrimina; o olhar que cobiça; o egoísmo que separa até marido e mulher (Mt 5,27-29), etc. Jesus quer que o nosso próprio desejo seja convertido: que seja o desejo do bem, do amor, sempre.

3. Jesus é radical na sua visão do mal. Não é só não praticá-lo, como o “não matar” que a Lei prescreve (5,21), mas é, sobretudo, arrancar as raízes do mal (5,22). Até porque há muitas formas de matar o outro (com a língua, discriminando, maldizendo). É preciso praticar o bem, e se reconciliar com o próximo (Mt 5,24). Só a reconciliação nos abre ao outro, e faz nascer a verdadeira oferta diante do Senhor: “só então vá apresentar-se diante do Senhor” (5,24). A oferta era sinal de vontade de se aproximar de Deus, para dele obter a proximidade e ação benévola. Jesus condiciona a proximidade, a amizade com Deus à aproximação com os irmãos. A lei de Jesus traz nova sabedoria, pois revela a sabedoria que já estava escondida na lei de Moisés. E desde sempre, segundo Paulo (1Cor 2,7). Mas Jesus a explicita, destacando a necessidade de libertação dos sentimentos que são a fonte do mal, a fim de que se possa alcançar a prática do bem (Sl 118,1).

4. O texto nos mostra um Jesus que critica os orgulhosos, que se julgam donos da Lei e a manipulam, apegando-se ao que está escrito e não ao espírito da lei. Será que hoje vivemos como esses “doutores da Lei e fariseus”, julgando-nos donos da vontade de Deus, julgando-nos salvos? E nosso coração, nosso olhar, nosso desejo? Será que os consideramos convertidos ao chamando que Jesus nos faz hoje? Será que caminhamos com nossas ofertas, enquanto cultivamos o ódio, a falta de misericórdia, o desamor, a cobiça em relação às coisas de outros? A oração do dia nos chama a “viver de tal modo que o Senhor possa habitar em nós”. Aí ele será o “nosso rochedo que nos abriga, a casa bem defendida que nos salva” (Antífona de Entrada). Habitar em Jesus é ser sinal do Reino para o qual ele nos chama (Mt 5,19). Todos os ensinamentos de hoje nos propõem a conversão do nosso desejo, do nosso olhar, do nosso coração, da nossa autossuficiência e do nosso orgulho farisaico – raízes de todo o mal – em reconciliação com o próximo e adesão ao Reino de Deus. Somente assim “a lei do Senhor vai progredindo” (Sl 118,1), e deste modo nos tornando partícipes fiéis do Reino para o qual Cristo nos convida.

Sugestões litúrgicas

1. Almejando um clima celebrativo, sugerimos o refrão meditativo: “Quem anda sempre no amor, não cansa nem se cansa”, de Taizé.
2. Inspirado na antífona de entrada dessa celebração, sugerimos o canto de abertura “Sê a rocha que me abriga”, do Cd Liturgia VI, da Paulus.
3. O nosso pecado afeta tanto nossa humanidade quanto a do irmão, por isso a nossa conversão diz respeito à comunidade de fé como um todo. O ato penitencial dessa celebração pode ser o “Confesso a Deus”, seguido da fórmula de absolvição e o canto do “Senhor tende piedade de nós”, o Kyrie.
4. O abraço da paz pode ser transferido para depois da homilia. Atentos ao que a Palavra do Senhor nos pede, estreitamos os laços com os irmãos e irmãs, como sinal da verdadeira lei, a do amor.
5. A comunhão, em duas espécies, é acompanhada pelo canto “Felizes os pobres”.